



Contado por Jacinta, o todo da sua vida foi uma revolução, com fértil passagem pela América. A maturidade faz parte desta trajectória da cantora.

All that Jazz

Entre a música como *hobby* e o sucesso, **Jacinta** cumpriu um percurso de trabalho e dedicação. E redescobriu o canto.

POR LEONOR XAVIER • FOTOGRAFIAS DE PEDRO FERREIRA

Aos 34 anos, festejados a 26 de Maio, e uma ainda curta carreira, Jacinta já segue, firme, o verdadeiro jazz, como estilo e personalidade para o seu canto. Admite o talento e acentua o trabalho, porque nem o êxito é casual nem a popularidade é uma graça. Mãe de uma filha de cinco anos, acha que em pequena tinha “jeito para tudo um pouco, mais para matemática.” Hoje, avaliando o seu percurso, admite: “Se não tivesse seguido Música, tinha feito Engenharia, Arquitectura, Belas Artes.” Ouvi-la, é uma surpresa. Olhá-la, é o prazer da beleza. Acompanhá-la, é a certeza de que o seu nome veio para ficar.

Quer contar a sua história?

Nasci na Gafanha da Nazaré, estudo música desde os quatro anos. Quando era pequena, só sabia que tinha de ir à aula de música. O meu pai é maestro do coro da igreja, um tio-avô que não conheci era violinista amador, ainda toquei peças dele quando tocava violino. Fiz o liceu em Aveiro, no chamado Liceu do Meio, porque havia três liceus antigos. A minha formação é clássica, os meus pais estudaram música. Fiz a licenciatura na Universidade de Aveiro e o mestrado em Nova Iorque. Foi no mestrado que mudei. Até lá, não me apercebi de que tinha jeito, de que tinha talento. Era animadora musical dos escuteiros, des-

de os 11 anos cantava em público. Hoje sei que o nível rítmico tem de nascer connosco. Quando pego na guitarra, soa diferente, e quando ponho um grupo a cantar, tenho jeito para puxar com eles. Tenho capacidade de liderança e não tenho vergonha de me expor. Lembro-me de um fogo de Conselho do Corpo Nacional dos Escuteiros, eu com 10 anos a tocar flauta no meio daquela centena de pessoas. Agora, reparo que as pessoas adultas têm medo do microfone.

Como era o ambiente familiar?

Venho de uma família muito tradicionalista, católica, onde se via a formação em música como uma profissão, e não como uma carreira de artista. Tenho duas irmãs, uma é professora de música, a outra estudou música e artes decorativas. Eu estava focada totalmente nos estudos e no que os meus pais achavam que era bom para nós. Não tive uma adolescência normal com amigos, festas, paródias. Nada disso. Não tive vida social. O pulo ainda foi maior. Até agora, ainda estou a acordar para o mundo. Fazia os estudos do liceu e do Conservatório ao mesmo tempo, e para além disso, tinha tudo para me entreter. Escuteiros, Movimento de Schoenstatt, catequese até fazer o crisma aos 18 anos, actividades musicais. Aos 24 anos fiquei protegida por um casamento, aos 26 fui para os

Estados Unidos. Preparei a minha candidatura ao mestrado, porque tive uma bolsa completa da Faculdade.

Como aconteceu a sua viragem para o canto?

Assumir-me como cantora é recente. Enchi-me de coragem, o que tem a ver com a minha descoberta e o meu renascimento. Este caminho é muito difícil, nada é dado, o mais natural é desistir. Foi o nascimento da minha filha, há cinco anos, que me fez nascer. Foi um abanão muito grande, mesmo físico, virou-me do avesso. Foi tal como dar à luz, é isso que a gente sente. Estamos grávidas de tudo, ter um filho é uma revolução muito grande, física e biológica. Mexeu muito comigo, porque eu tinha meia vida. Potencialmente, seria cantora, mas a vida é tão difícil, puxa-nos tanto para baixo que eu tinha desistido. Não tinha aquela certeza profissional. Tudo aconteceu há menos de cinco anos, em Silicon Valley, S. Francisco, onde o meu marido, engenheiro, foi trabalhar, e onde a minha filha nasceu. Acho que não estava acordada, que não estava a viver, e na altura não sabia. Um dia, senti nas entranhas que tinha talento. Ia indo, ia cantando aqui e ali, tinha aquela chamazinha dentro de mim que me empurrava para a frente, e que facilmente ia ficar apagada. Nesse dia, acordei. Entrei numa grande depressão, comecei a ler muitos livros de

psicoterapia e de psicologia. Libertei-me naturalmente de muitos preconceitos e traumas. A minha filha tinha três meses quando contactei o Laurent Filipe. Ele tinha sido meu professor antes de eu sair de Portugal e preparou a minha entrada no mestrado na Manhattan School of Music. Enchi-me de coragem, mandei-lhe um e-mail e perguntei se ele queria fazer parte de um projecto que eu tinha e que queria ir fazer a Portugal. Na altura, não respondeu. E um mês e meio depois, mandou uma proposta para gravar temas da Bessie Smith.

A semana de Jacinta

- **Segunda-feira.** Vai de comboio da Gafanha da Nazaré para Lisboa: “Tenho aula de canto com a professora Cristina de Castro, uma diva do Teatro de S. Carlos.” Depois dá entrevistas, às vezes tem uma sessão com o pianista.
- **Terça e quarta-feira.** Tem ginásio de manhã, à tarde dá aulas. Depois, curso de cantores.
- **Quinta e sexta-feira.** “São dias para mim.” Prepara ensaios, partituras e estuda canto.
- **Sábado.** “Tiro o dia para a minha filha.” Faz compras.
- **Domingo.** “À tarde ensaio com a minha banda, no Porto.”

Tudo pode ser alterado quando há concertos. Tem sempre um livro à mão, agora é *The Art of Living Conscious*, de Nathaniel Brandenly. “No pouco tempo que tenho, ouço música no carro.”

em S. Francisco. Agora, adoro Nova Iorque. Voltei cinco anos depois pela primeira vez. É uma cidade com uma energia, uma vida que me atrai. Uma cidade muito cara, o que, parecendo que não, condiciona a vida. Em Nova Iorque é-se contra o canto, o canto é sempre visto à parte, vai-se mais pelo lado instrumental no jazz. Em S. Francisco, não.

Tem uma grande extensão de voz?
Tenho.

Essa extensão faz parte do estilo?
Não, da qualidade da voz. Mas, por exemplo, Louis Armstrong, Billie Holliday, John Hendrix têm extensões pequenas.



Foi com a estreia do disco *A Tribute to Bessie Smith* que tudo aconteceu?
Sim, foi com esse disco que vim para o conhecimento do grande público, em Fevereiro de 2003. O disco em si foi uma revelação aqui. Demorou um ano e meio a sair, gravámos em Setembro, a minha filha tinha sete meses, vim com ela. O Zé Duarte lançou-me. Conhecia-o há muito tempo, como pessoa pública. Como era um lançamento do Laurent Filipe, fiz vários concertos, tive todos os críticos de jazz a verem-me.

Como enfrentou a América?
Foi muito cruel. Fiquei dois anos e meio em Nova Iorque, e quatro anos e meio

Como se consegue sucesso?
É difícil. A sorte não chega, é preciso ter um trabalho imenso. Sempre me expus a vida toda, mas tinha a música como um hobby esporádico. Há uma maturidade em ter chegado a isto, sabendo o que queria. Naquela altura, vim por três meses. Ainda antes de me ir embora, gravei uma demo [do inglês *demonstration*], uma maquete que era um projecto musical com o Laurent Filipe e o quarteto dele, onde fizemos três temas, um meu e dois do Thelonious Monk. Gravei ainda outro tema, com o Amílcar Vasques Dias, meu professor na Universidade de Aveiro, hoje professor em

Évora, e mais um do Zeca Afonso, que se chama *Cantar Alentejano*, *Catarina Eufémia*. Fiz chegar as duas demo ao Zé Duarte, ele pegou no Monk e durante vários meses, no programa *5 Minutos de Jazz*, dizia: “À quinta canta a Jacinta.” Depois, quando lancei o disco, nunca pensei, nem a editora, que íamos vender 23 mil cópias, quando o normal é venderem-se duas mil, no máximo.

Houve mudanças em si por ter vivido fora?
Pensava que não, agora que voltei, descobri que já não sou a mesma. Vejo também que, de facto, tenho uma perspectiva diferente em relação a Portugal e à vida. Em tudo. Em todos os pormenores. Cumprir a pontualidade, cumprir o que se disser, a nível profissional. A síndrome do telemóvel adaptou-se à mentalidade portuguesa. Altera-se tudo à última hora. A minha mudança teve a ver com o que passei nos Estados Unidos. Quando só podemos contar connosco próprios, somos obrigados a uma redescoberta de nós próprios. Descobri forças que não tinha, hoje tenho direito a uma opinião própria. Se tivesse ficado sempre aqui, era diferente. O que nos dá apoio e conforto não nos permite crescer.

Ser bonita acrescenta o êxito? E a responsabilidade?
Isto de ter a imprensa em cima é uma grande responsabilidade. As pessoas admiram-se pela qualidade que tenho de saber cantar e não é por ser bonita que me procuram. Sei que quem tem essa exposição tem de ter cuidado com o que diz. Nessa fase pior de mudança, também descobri que era mulher e feminina, o que era uma mais-valia. De repente, fiquei com orgulho por ser feminina e mulher. A sexualidade, a sensualidade sempre tinham sido reprimidas em mim. A pessoa só consegue ser mulher inteira quando assume esses lados. A revolução biológica da maternidade passou por aí. Há uma fase em que a pessoa dá pulos e sai de um buraco, e chega a extremos. Em concertos, dizia: “Esta canção é para as mulheres.” Tinha esse tipo de discurso. Hoje já não o tenho, porque o integrei. A mulher americana está à frente em relação à mulher latina, porque a educação cristã é castrante para as mulheres. ●